

## OS PRIMEIROS ANOS DE FRANCISCO FÉLIX DE SOUZA NA COSTA DOS ESCRAVOS

*Alberto da COSTA E SILVA*

**RESUMO:** Pouco se sabe da vida de Francisco Félix de Souza, antes de ter ele fixado residência em Ajudá. Sabe-se que era baiano, mestiço e com boa instrução, mas ignora-se porque, como e quando chegou à África. No início do século XIX, ele já se encontrava na Costa dos Escravos, em Ajudá e, depois, em Badagre, a repetir o enredo de ex-escravos retornados do Brasil e do holandês Hertogh, a tentar transformar-se num alto dignitário africano. De Badagre, ele deslocou-se para Ajudá, onde, diante do abandono a que o Governo português relegou a feitoria ou forte de S. João Batista, ele assumiu os ônus de sua manutenção e começou a torná-lo em um grande entreposto de exportação de escravos, juntamente com outro que possuía em Anecho.

**Palavras-chave:** Ajudá-Nigéria; Retornados brasileiros-Ajudá (Nigéria); Cemitérios de brasileiros-Nigéria; Forte de S. João Batista de Ajudá; Francisco Félix de Souza.

Este é o quarto de Francisco Félix de Souza. Não repare nos descascados e nas manchas das paredes. Cuide da cama portuguesa, de madeira sólida (não sei se pau-ferro, jacarandá ou mogno), ressequida e fosca por míngua de verniz, de cera ou de óleo. Há lascas neste torneado e falta um pedaço naquela pinha ou carapeta, no alto do baldaquino que sustentava o mosquito. O dono do leito jaz ao lado, sob a campã de cimento, em cuja cabeceira se levanta a imagem do santo de seu nome e devoção. Sepultaram-no como um príncipe da terra. E dentro de casa, à daomeana. No seu quarto.

Duas senhoras idosas zelam o túmulo. Não vá um cabrito, uma galinha ou um rato entrar no cômodo, que é também santuário. Nenhuma das duas se incomoda em espanar a poeira, mas uma e outra põem cuidado e carinho nos jarros

de flores frescas junto à campa, que contrastam com estas outras, de plástico, ao pé do santo.

As rosas de plástico vieram da Europa. O jeito de arrumar em molhos estes copos-de-leite e estas palmas-de-santa-rita, também. Mas por via do Brasil. No golfo do Benim e em outras partes da África, não se cultivavam nem se cortavam flores – o que se refletiria no parco vocabulário sobre cores das línguas africanas e na ausência de perfumes feitos localmente<sup>1</sup>. Neste pedaço do mundo, as flores não adornavam as casas, não alegravam as festas, nem acompanhavam os enterros. Foram os comerciantes brasileiros e os ex-escravos retornados do outro lado do Atlântico os primeiros a fazer das flores, embora com parcimônia e recato, parte de seu cotidiano. Para os da terra, uma extravagância a mais. Para os chegados do Brasil, mais um modo de marcar a diferença. Ainda hoje, uma casa de descendentes de brasileiros distingue-se das demais, entre outras particularidades, por esta: possuir um jardim, um canteiro de flores, ou exibi-las, cortadas, num jarro sobre a mesa.

Força era ser distinto também após a morte. Se não crê no que afirmo, olhe pela janela. Verá o pequeno cemitério, quase um quintal dos mortos, em que estão enterrados os Souzas, seus parentes por afinidade e alguns de seus agregados e amigos. Em tudo semelhante a um campo-santo de cidadezinha brasileira, as cruzes encimam as campas caídas de branco, com lápides e imagens protetoras. Faltam jazigos e mausoléus dos tipos que vi em outra necrópole de brasileiros na África – pois brasileiro, tanto para portugueses quanto para africanos, era não só o nascido no Brasil, mas igualmente quem no Brasil trabalhara ou vivera. Estou a lembrar-me de Moçâmedes (hoje Namibe), com os restos dos que para lá emigraram do Recife, a partir do “mata-marinheiro” que acompanhou a Revolução Praieira. E com lápides com dizeres como estes: “Aqui jazem os restos mortais / de / Anna Clara de Souza Guimarães / natural de Pernambuco / nasceu a 24 d’agosto de 1806 / faleceu a 26 d’agosto de 1885 / e seus netos / João da Costa Mangerião / natural de Pernambuco / nasceu a 18 de janeiro de 1854 / faleceu a 22 de março de 1884 / Joaquim A. d’Oliveira Luzo / natural de Pernambuco / nasceu a 1 d’outubro de 1867 / faleceu a 15 d’abril de 1890.” Ou como estes: “Aqui jaz / Manoel José da Costa / nascido em Pernambuco / a 6 de novembro de 1848. / E fallecido n’esta villa / a 8 de março de 1906. / Filho de / José Joaquim da Costa / e de D. Francisca Alexandrina / da Silva e Costa.”

---

(1) Como sugere, GOODY, Jack. In: *The Culture of flowers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. A idéia desse livro nasceu em Goody da ausência de flores no dia-a-dia africano.

Na mesma cidade, há um outro cemitério, bem diferente, com sepulturas de pedra, qualificadas por Gilberto Freyre como afro-cristãs<sup>2</sup>. Não passam, em regra, de uma lápide vertical, com cerca de um metro de altura. No alto, vê-se uma cruz de desenho complicado (a de Aviz, a de São Jorge ou a trilobada) e, em baixo, relevos de figuras humanas (uma Madona a amamentar o Menino, um grupo de pessoas a olhar-nos de frente, um família em roupas domingueiras) ou de instrumentos de trabalho (um martelo, uma enxada, um serrote), tudo pintado em cores vivas, em azuis, vermelhos, verdes e amarelos. Diante de cada lápide, há um pequeno recipiente, para recolher, não flores, mas oferendas ao morto: a bebida e a comida de praxe em boa parte da África tradicional. Para esse campo-santo, onde não se enterravam os patrões brancos, iam os seus ex-escravos, os seus serviçais, os seus agregados e os africanos cristianizados. Se o defunto era importante, podia merecer sepultura ainda mais requintada: um bloco alto, encimado por imagem de santo ou dele próprio, de pé ou sentado.

Este último tipo de monumento funerário, embora muito mais solene e, às vezes, mais barroco, é freqüente no sul da Nigéria. O túmulo rematado por uma grande escultura em cimento colorido, com a figura do morto, derivaria, ao que se pensa, da influência brasileira, dos sepulcros de mármore que se encomendavam em Salvador, Rio de Janeiro, Recife, Lisboa ou Porto, e que se vêem em Ajudá, Aguê, Moçâmedes ou Lagos, com inscrições a dizer-nos, em português, francês ou inglês, que Francisco, George, Manuel Joaquim, Ifigênia, José, Angelina ou Cirilo nasceram na Paraíba, em Minas Gerais, em Pernambuco ou na Bahia, ou que voltaram do Brasil no ano tal, como se o retorno à África representasse um novo nascimento.

Quem passa pela frente do cemitério de Ikoyi, em Lagos, tem logo diante dos olhos, sobre um soco alto, a figura em cimento de uma senhora sentada. A imagem dessa que foi, conforme me afiançou um de seus netos, a filha rica de um brasileiro, é encantadora em seu realismo ingênuo e lírico. Serena, vestida de verde e branco, pano-da-costa sobre os ombros, turbante elaborado, relógio de pulso de ouro e sandálias nos pés, ela parece conversar, feliz, com a morte.

Para uma estátua como essa, em tamanho natural, moldada em cimento fresco sobre um arcabouço de varinhas de ferro, não haveria espaço na necrópole semidoméstica dos Souzas, espremida, a bem dizer, num dos pátios do casarão, chamado Singbomey, próximo à Fortaleza de S. João Batista de Ajudá e em frente ao *Quartier Brésil*, um dos bairros "brasileiros" da cidade.

---

(2) *Em torno de alguns túmulos Afro-Cristãos*. Salvador: Livraria Progresso Editora/Universidade da Bahia, s. d. [1959].

Nesta Ajudá, Ajuda, Uidá, Judá, Ouidah, Whydah, Fida, Gléhoué, Gléwhé, Grégoué, Grigwe ou Gregoy, e neste bairro, e neste casarão, tiveram fim, em 8 de maio de 1849, os dias africanos de Francisco Félix de Souza. O que não sabemos com certeza é quando, como e onde começaram.

Sua descendência assegura que nasceu em 4 de outubro de 1754. Em Salvador, como ele próprio deixou claro – “Digo eu Francisco Felis de Souza natural da cidade da Bahia e Rezidente neste Porto de Ajudá”... – na carta de alforria de uma escrava, em 1844<sup>3</sup>. Não era, portanto, natural do Rio de Janeiro, como muitas vezes se sugeriu<sup>4</sup>, nem português de nascimento<sup>5</sup>. Era baiano, pronto<sup>6</sup>. Ainda que súdito do rei de Portugal até 1822 e ainda que continuasse nominalmente seu funcionário. Conforme as conveniências do momento – assim consta –, dizia-se cidadão brasileiro ou cidadão português e sobre seus domínios “içava indiferentemente qualquer das bandeiras”<sup>7</sup>.

De seus pais e avós, tudo ignoramos. Certas tradições familiares fazem-no filho ou neto de português e de índia do Amazonas, que podia ser também uma cabocla ou cafuza. Há quem o diga branco<sup>8</sup> ou o tenha por mulato<sup>9</sup> e com costela escrava. Mulato claro. Ou mestiço indefinido – para mim, o mais provável. Nem sequer falta quem aceite as fantasias genealógicas de seus descendentes e reivindique como seu antepassado o Governador-Geral Tomé de Souza<sup>10</sup>.

- 
- (3) Documento que estava, em 1945, em poder de Hilário de Souza, em Ajudá, e que foi transcrito pelo então comandante do Forte português de S. João Batista de Ajudá, Capitão Carlos de Serpa Soares, em “O Forte de S. João Batista de Ajudá”, nos nºs. 11-12 do v. 64 (de 1948) do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*.
  - (4) E carioca o fazem FÉRIS, Bazile. *La côte des esclaves*. Paris: Archives de Médecine Navale, 1879; ELLIS, A. B. *History of Dahomi*. In: *Ewe-Speaking peoples*. Londres, 1880, p. 307, e Nina Rodrigues, que se louva nos dois anteriores (*Os africanos no Brasil*, revisão e prefácio de Homero Pires, São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasília), 1932, p. 45).
  - (5) Hipótese que parece aceitar Luiz Henrique Dias Tavares, nas notas à 3ª ed. de *O negro na Bahia*, de Luís Vianna Filho, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 124.
  - (6) Como já afirmava, sem citar suas fontes, ALMEIDA PRADO, J. F. de. A Bahia e as suas Relações com o Daomé. In: *O Brasil e o colonialismo europeu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasília), 1956, p. 139-40.
  - (7) SILVA, Carlos Eugênio Corrêa da. *Uma viagem ao estabelecimento português de São João Batista de Ajudá na Costa da Mina em 1865*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1866, p. 60.
  - (8) Como FÉRIS, Bazile, ob. cit.
  - (9) Como ELLIS, A. B., loc. cit.
  - (10) Como SOUZA, Simone de. *La famille de Souza du Bénin-Togo*. Cotonou: Editions du Bénin, 1992, p. 23-24.

Em Salvador, aprendeu o suficiente para tornar-se depois guarda-livros do almoxarife e escrivão do entreposto e forte português de Ajudá. E talvez tivesse estudado mais do que para isso. Pelo menos foi o que concluiu Pierre Verger, após examinar uma reclamação redigida, em 1860, por Francisco Félix contra os atropelos causados pelas autoridades da Cidade do Cabo ao comandante do bergantim “Canoa”. No texto, escreve Verger, revelam-se “suficientes e sólidas noções do direito das pessoas e um perfeito conhecimento das leis”<sup>11</sup>.

A memória familiar registra que Francisco Félix chegou à África em 1788, como comandante do Forte de S. João Batista de Ajudá<sup>12</sup>. Ou bem antes, em 1779<sup>13</sup>. As más línguas da época diziam que foragido ou proscrito. Por haver desertado do exército, segundo o negreiro Theodore Canot<sup>14</sup>. Por crime político, tendo, por isso, de escolher entre o cárcere e o exílio, como afirma Frederick E. Forbes<sup>15</sup>. Por moedeiro falso e agitador, conforme Edouard Foa<sup>16</sup>. Ou simplesmente – sugeriu Richard Burton<sup>17</sup> – como um labrego ou caipira a aventurar-se mundo afora. Na família, corre a história de que teria sido capitão de fragata<sup>18</sup> ou comandante de navio negreiro<sup>19</sup>, mas nenhum dos europeus que o visitaram – vários deles oficiais de marinha – menciona o fato ou relata uma só conversa sobre temas do mar. Em nossos dias, Pierre Verger propôs-nos um motivo mais prosaico: Francisco Félix fora para a Costa como funcionário da Coroa, mas funcionário menor, simples guarda-livros do almoxarife e escrivão do Forte. Por comprovante, apresenta um documento emitido no Rio de Janeiro, em 9 de abril de 1821, no qual se comunica à Junta Provisória do Governo da Província da Bahia que o Rei de Portugal, “attendendo a suplica que fez subir a Sua Real Presença Francisco Felix de Souza, que por muitos annos tem servido com prestimo e zelo

---

(11) VERGER, Pierre.: *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII ao XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 460. O documento está no Arquivo do Estado da Bahia, 142, f. 165. (Trad. de Tasso Gadzanis).

(12) SOUZA, Norberto Francisco de. Contribution à l'histoire de la famille de Souza. *Études Dahoméennes*, Porto Novo, vol. XIII: 17-21, 1955.

(13) Data apresentada, entre outras, por SOUZA, Simone de, ob. cit., 1992, p. 16.

(14) *Adventures of an African slaver*, conforme a versão de Brantz Mayer, Nova York: Dover, 1969 (a 1ª ed. é de 1854), p. 262.

(15) *Dahomey and the Dahomans*: Londres, Frank Cass, 1966 (fac-símile da 1ª ed., de 1851), vol. I, p. 106-7.

(16) *Le Dahomey*, Paris, 1895, p. 22.

(17) NEWBURY, C. W. (ed.). *A mission to Gelele, king of Dahome*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1966 (a 1ª ed. é de 1864), p. 78.

(18) SOUZA, Norberto Francisco de, loc. cit.

(19) SOUZA, Simone de, ob. cit., p. 17.

na Fortaleza de S. João Baptista de Ajudá na Costa da Mina”, dá-lhe “licença para se recolher a essa Cidade da Bahia, trazendo consigo aquella parte de seus escravos que se julgarem próprios de seu serviço pessoal”<sup>20</sup>.

Leio e releio o documento. Não encontro nele nada que demonstre ter saído Francisco Félix de Souza de sua terra para ir ocupar, numa das partes mais insalubres da África, um emprego reles numa feitoria desprezada do império português. Parece-me muito mais provável que tenha sido arregimentado para o cargo quando já no golfo do Benim, fosse como comerciante, prófugo ou deportado. As duas últimas hipóteses casam mais com a confissão que fez – mas talvez gostasse de multiplicar as versões das lendas que o cercaram em vida – ao missionário metodista Thomas Birch Freeman<sup>21</sup>, Contou-lhe que chegara à África tão pobrezinho de Deus, que recolhia, para manter-se, os cauris que a gente da terra deixava na base dos fetiches. Sua condição de foragido ou desterrado não lhe vedaria, aliás, o serviço na Fortaleza. Bem sabemos não ser incomum, na Costa e na Contra-Costa, dada a falta de gente capaz de atender às necessidades coloniais, o assumirem degredados papéis importantes e até mesmo funções públicas. Basta lembrar os destinos africanos de alguns dos sentenciados ao desterro por envolvimento na Inconfidência Mineira (Tomás Antônio Gonzaga, por exemplo, foi logo nomeado, na Ilha de Moçambique, promotor do juízo da fazenda de defuntos e ausentes).

A mim, parece-me estranho que um homem já então rico e sempre mão aberta se tivesse dado ao risco e ao incômodo de dirigir uma petição ao rei apenas para que esse lhe permitisse descer os seus escravos na Bahia, sem pagar direitos e ao arrepio da proibição, vigente desde 1815, de embarcá-los na África ao norte do equador. Habilíssimo e bem sucedido contrabandista de negros, ele sabia como levá-los de um litoral para o outro do Atlântico e não ignorava que, entrados no Brasil, a origem legal ou irregular dos cativos se apagava ou confundia. O assentimento do rei de pouco ou nada valia para os barcos de guerra britânicos que vigiavam as duas costas: por prêmio maior teriam a captura de Francisco Félix, um dos mais famosos negreiros de seu tempo, justificada pela carga que o acompanhava. Talvez a parte sobre escravos da súplica que fez subir a Sua Majestade fosse ancilar à principal, a de que se lhe autorizasse, em paga dos serviços prestados no Forte de Ajudá, o regresso à sua terra, da qual certa mafeitoria o obrigara a ir-se. (Se houvesse, semelhante ao de exclamação, um

---

(20) VERGER, Pierre: ob. cit., p. 462, na qual transcreve documento no Arquivo do Estado da Bahia, 122, f. 48.

(21) Cit. por AKINJOGBIN, I. A. *Dahomey and its neighbours* – 1708-1818. Cambridge at the University Press, 1967, p. 198, que transcreve trecho da p. 251 de originais de Freeman existentes nos Methodist Missionary Archives, Londres, Box 4: West Africa, Biographical.

ponto de dúvida, com ele eu terminaria este período. Não afirmo; especulo. Com a mesma falta de evidências de quem pensa o contrário.)

No Forte, o seu nome aparece pela primeira vez num livro de termos e procurações, que o Tenente da Marinha portuguesa Carlos Eugênio Corrêa da Silva<sup>22</sup> ali consultou em 1865: Francisco Félix de Souza assina como tabelião um poder, datado de 1803, em que um oficial manifesta a vontade de receber os seus soldos na Corte, em vez de em Ajudá. Esse documento não substitui, contudo, um texto, não encontrado até agora, do qual conste quando Francisco Félix deu início ao trabalho na feitoria, ou que nos indique quando chegou pela primeira vez à chamada Costa dos Escravos.

Em 1788 – repito –, dizem os Souzas de Ajudá. Ou 1789, conforme um documento em poder da família, que desse ano data a sua chegada a Anecho ou Popó Pequeno (no atual Togo)<sup>23</sup>. Insistem em que saiu do Brasil para servir no Forte português. Não, seguramente, como diretor ou comandante, pois este se chamou, entre 1782 e 1895<sup>24</sup>, Francisco Antônio Fonseca e Aragão e teve por sucessores, até 1803, a Manoel de Bastos Varela Pinto Pacheco e a dois interinos, José Ferreira de Araújo e José Joaquim Marques da Graça.

Se seu primeiro destino na África foi a Fortaleza de S. João Batista, afirmam as tradições que Francisco Félix de Souza dela pronto se afastaria e também da cidade de Ajudá, chamando, para substituí-lo, um irmão, Inácio, de cuja presença na Costa não há registro. Sabe-se, contudo, que Jacinto José de Souza, de quem Francisco, ao que se alega, seria irmão<sup>25</sup>, foi nomeado diretor da feitoria em fevereiro de 1804, morrendo menos de um ano depois<sup>26</sup>. Francisco – diz-se em Ajudá –, ofuscado pelos grandes lucros do comércio de escravos, teria desistido, em pouco tempo, do emprego na Fortaleza e se encaminhado para Badagre (Badagri, Badagry, Agbadagre, Agbadarigi ou Agbethegre), onde instalou um entreposto negreiro.

---

(22) Ob. cit., p. 77.

(23) SOUZA, Simone de, ob. cit., p. 16.

(24) E não 1793, como está em I. A. Akinjogbin, ob. cit., p. 217. Cf. Pierre Verger, ob. cit., p. 234, 265, 266, 268, 285 e 286, com documentos que mostram que Francisco Antônio Fonseca e Aragão ainda era responsável diante da Coroa portuguesa pelo estabelecimento de S. João Batista de Ajudá, quando da embaixada que Agonglo, rei do Daomé, enviou à Bahia e a Lisboa em 1795.

(25) Como assevera SARMENTO, Augusto. *Portugal no Daomé*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1891, p. 59.

(26) Arquivo do Estado da Bahia, 141, f. 200; e 159, f. 156v, conforme Pierre Verger, ob. cit., p. 245.

Badagre, no extremo sudoeste da atual Nigéria, já tinha mais de meio século de importância como centro exportador de escravos. As transformações por que passara o que fora menos que um vilarejo subordinado a Apa dever-se-iam, segundo a história oral da cidade<sup>27</sup>, a um branco, tido por brasileiro, Huntokonu. Seu túmulo, uma placa de cimento protegida por uma cabana de caniço e sapé, era até anteontem – e creio que continua a sê-lo – carinhosamente preservado e respeitado, contando com os cuidados permanentes de um velho guardião. Esta é a honra dada a quem se tem por fundador da cidade.

O forasteiro recebia os nomes de George e Freemingo. Comerciante com sede na Costa do Ouro (atual Gana), mantinha fortes vínculos com a nobreza do Daomé (Danxomé, Dangomé, Daomei, Dahomé, Dahomey ou Dahomy) e viajava freqüentemente ao longo do litoral, cujas dificuldades se faziam menores aos seus canoieiros crus (ou *krus*). A cadeia de violências desatada pelo expansionismo do Daomé aconselhou-o a buscar refúgio mais ao sul. O rei de Apa indicou-lhe o destino, Badagre, e lá, num sítio chamado Hunto – donde a alcunha de Huntokonu –, o mercador construiu sua nova casa e estabeleceu uma feitoria. Acompanharam-no muitos refugiados das guerras daomeanas, entre os quais vários nobres. Um deles, por causa de uma disputa sucessória, assassinou-o. De acordo com as tradições, em 1620, embora quem as registrou prefira colocar a história pouco mais de cem anos depois, a fim de que possa coincidir com a chegada das tropas do Daomé até a costa.

Terá sido realmente assim, caso, como propôs de modo convincente Robin Law, sejam uma só pessoa Huntokonu e o aventureiro holandês Hendrik Hertogh<sup>28</sup>. Mudaram-no, nas tradições, para brasileiro, talvez porque, quando essas tomaram feição definitiva no século XIX, os brasileiros dominavam o tráfico na área e eram quase sinônimo de mercador de escravos. Na boca do povo não se apagou, porém, a pista da palavra Freemingo, óbvia corruptela de “flamengo”, sinônimo de “holandês” na língua portuguesa. Law, embora lembrando que, no idioma gum, *hunto* significa capitão de navio, sugere que Huntokonu possa ser a forma local que tomou o nome Hertogh<sup>29</sup>. E não seria – pergunto – George, Gé-ór-ge, como se diz na Bahia e no nordeste do Brasil, um jeito mais fácil, que tinham os brasileiros e os que deles junto viviam, de ouvir e dizer Hertogh?

---

(27) AVOSEH. T. Ola. *A short history of Badagry*. Lagos, 1938, p. 10-2; e *Nigeria Magazine*, 38: 171-173, Lagos, 1952.

(28) Trade and Politics behind the Slave Coast: the Lagoon Traffic and the Rise of Lagos, 1500-1800, *The Journal of African History*, Cambridge, 24(3): 341, 1983.

(29) LAW, Robin, loc. cit. e *The Slave Coast of West Africa – 1550-1750*, Oxford: Clarendon Press, 1991, p. 311, nota 4; e ainda A Lagoonside Port on the Eighteenth-Century Slave Coast: The Early History of Badagre, *Canadian Journal of African Studies*, v. 28(1): 39, 1994.

O holandês entrou ao serviço, na África, da Companhia das Índias Ocidentais em 1716<sup>30</sup>. Em 1726, comandava o estabelecimento da Companhia em Ajudá, quando esta decidiu fechá-lo, por haver a cidade caído sob o domínio do Daomé. Hertogh instalou, então, um novo entreposto em Jaquin (Jaqin, Jakin, Jaqueen, Jékin ou Djékin), onde continuou suas atividades de eficientíssimo negreiro e desenvolveu o comércio ao longo das lagoas, furos, esteiros e canais que acompanham o litoral, desde o cabo S. Paulo até ao reino do Benim<sup>31</sup>. Suas canoas não só traziam escravos, mas também outras mercadorias, como tecidos e marfim.

Penso que o êxito comercial de Hertogh se deveu sobretudo à sua capacidade de africanizar-se. Falava e agia no jeito da terra, com a empáfia de chefe, a comandar os seus soldados, pois mantinha tropas próprias, e a sua flotilha de almadias, com remadores contratados na Costa do Ouro, na Costa do Marfim ou na Libéria. Caminhava ao longo das praias e das ruas, precedido por tambores e acompanhado pelos que lhe entoavam loas. Tinha, como os chefes africanos, o gosto do poder e a coragem de por ele arriscar a vida. Aborreceu vezes sem conta os seus supervisores do Castelo da Mina, ao insistir em trabalhar sem o conselho ou a orientação deles e em entender-se diretamente com a Companhia na Holanda<sup>32</sup>. Deu acumulados motivos de rancor a Agaja, o rei daomeano, não só ao obstinadamente tentar coligar contra ele os chefes que o soberano do Daomé havia derrotado e aqueles que o temiam, mas também ao procurar atrair para essa aliança as armas de Oió, de Akim e até mesmo do novo poder achanti<sup>33</sup>. Suas intrigas e maquinações acabaram por despejar sobre ele e seu companheiro de tramas, o rei de Jaquin, a fúria de Agaja. Em abril de 1732, as tropas daomeanas desabaram sobre a cidade, matando quem viam pela frente, estivesse ou não armado, e queimando e destruindo tudo. O rei conseguiu escapar nas canoas de Hertogh.

O holandês refugiou-se em Apa, na margem meridional da laguna costeira a oriente do lago Nokoué. Ali foi bem recebido pelo régulo, que detestava os daomeanos<sup>34</sup>, e em pouco tempo transformou o lugar no mais importante centro do comércio negreiro a leste de Ajudá.

---

(30) Sobre a trajetória de Hertogh, v. DANTZIG, Albert van. *Les hollandais sur la Côte de Guinée à l'époque de l'essor de l'Ashanti et du Dahomey – 1680-1740*. Paris: Société Française d'Outre Mer, 1980, p. 229-42.

(31) LAW, Robin. *Trade and politics behind the Slave Coast*, cit., p. 340-2.

(32) POSTMA, Johannes Menne. *The Dutch in the Atlantic slave trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 100.

(33) LAW, Robin. *The Slave Coast of West Africa*, cit., p. 293, 295-7, 310-3 e 316.

(34) SNELGRAVE, William. *A new account of some parts of Guinea and the slave trade*. Londres: Frank Cass, 1971 (a 1ª ed. é de 1734), p. 150-2.

Hertogh demorou-se em Apa apenas quatro anos. Em 1736, com o consentimento do rei, saiu de mudança, com suas tropas pessoais, agregados, escravos e tambores, para um vilarejo na outra margem da laguna, chamado Gbadagblé ou Agbethegre (a "fazenda de Agbethe"). Onde Agbadarigi e Badagre. Badagre ficava ao lado da desembocadura do rio Yewa, que lhe fornecia água potável e lhe assegurava fácil acesso ao interior e à escravaria produzida pelo reino de Oió. Escravos e outras mercadorias chegavam-lhe também, de leste e do oeste, pelo sistema de lagoas, furos e canais paralelo à costa.

O vilarejo cresceu rapidamente. Para ele não tardaram em vir, deslocados de suas plagas pelas guerras ou atraídos pelas potencialidades do comércio, grupos de diversas origens, cada qual com seu chefe e a formar uma espécie de bairro independente. Ajudado por eles, Hertogh repetiu em Badagre o êxito de Apa. Logo no ano seguinte ao de sua chegada, estabeleceu uma espécie de filial em Epe, ao sudeste do lago Nokué, e dos dois empórios competiu duramente com Ajudá. Não lhe deu, porém, a vida tempo para mais nada: foi assassinado numa emboscada, em abril de 1738.

Já se escreveu, baseado num relatório francês do mesmo ano, que Hertogh teria morrido em 1737, durante um ataque do Daomé a Badagre<sup>35</sup>. O texto teria por base um boato falso. Outros documentos deixam claro, com efeito, que sua morte só deu vários meses mais tarde. Matou-o um príncipe da família real de Ajudá, chamado Dave, a menos que *dave* seja um título nobiliário (o "filho de Da" ou do rei), um título que corresponderia mais tarde ao do chefe do bairro Ahoviko, um dos três em que se congregavam os refugiados do antigo reino de Ajudá<sup>36</sup>. Quem sabe se Hertogh não foi assassinado a mando de Agaja, que o odiava e tinha todos os motivos para isso? Ou teria sido o crime cometido por instigação do rei de Apa, contra quem Badagre, liderada por Hertogh, se rebelara? O que consta é que Dave se insurgiu contra o holandês, por este lhe ter recusado o posto de cabeceira de um dos distritos da cidade, precisamente o de Ahoviko<sup>37</sup>. Os documentos da época ratificariam, assim, a história tradicional de Huntokonu.

Falecido Hertogh, não durou muito o entreposto da Companhia das Índias Ocidentais em Badagre. Menos de quatro anos depois, a feitoria era aban-

---

(35) AKINJOGBIN, I. A., ob. cit., p. 106, tendo por fonte "Enregistrement des rapports des capitaines au long course", 3 de fevereiro de 1738, Archives Departementales, Nantes, B. 4587.

(36) LAW, Robin. *The early history of Badagri*, cit., p. 39 e 42

(37) DANTZIG, Albert van, ob. cit., p. 242; e LAW, Robin, *Trade and politics behind the Slave Coast*, cit., p. 313.

donada<sup>38</sup>. Incapazes de conquistar a confiança de Agaja, os holandeses desinteressaram-se pela área. Badagre continuou, entretanto, a manter e até mesmo a ampliar a sua posição de importante mercado, não só para o comércio transatlântico, mas também para o que se processava, com intensidade crescente, ao longo das lagunas e canais que a ligavam a Lagos, Ijebu e Benim. E passou abrigar outros traficantes, e em número tal, que alguns dos bairros da povoação passaram a ser conhecidos pela nacionalidade dos negreiros que neles predominavam<sup>39</sup>. Seus chefes também se identificavam por seus parceiros de comércio: o *jengen* que regia o bairro Awhanjigo, por exemplo, era, num determinado momento, o “chefe francês”, e o *akran* do bairro Ijegba, o “chefe português”<sup>40</sup>. Isto, repito, num determinado momento, porque podiam mudar-se, e mudavam, ao longo das décadas, as parcerias<sup>41</sup>.

Francisco Félix de Souza teria chegado a Badagre para ser mais um de seus traficantes de escravos. Procurava escapar dos controles rígidos impostos pelo rei do Daomé ao comércio em Ajudá e aproveitar-se das novas oportunidades surgidas nos litorais que corriam para leste. Como os outros, aspirava a ter barracão próprio, a receber diretamente do interior os escravos que forneceria aos navios negreiros, a negociar sem peias não apenas os preços das peças de ébano, mas ainda os do tabaco, da aguardente, das armas, da pólvora, dos tecidos, da contaria e dos artigos de ferro, latão e cobre.

Alguns de seus colegas tinham ambição de poder. Como Hertogh, que passara – isto creio – toda a estada na África a usar a Companhia das Índias Ocidentais para construir um domínio pessoal, de soba ou chefe africano. Outros sonhavam repetir a façanha daquele João de Oliveira, escravo liberto que retornara do Brasil por volta de 1733, para dedicar-se ao comércio negreiro, e que tivera tamanho êxito, que abrisse, com recursos de seu bolso, dois novos embarcadouros ao comércio transatlântico: Porto Novo e Lagos<sup>42</sup>. E havia ainda aqueles que, além de comerciantes de escravos, tinham o gosto das aventuras militares e a

---

(38) DANTZIG, Albert van. Ob. cit., p. 131; e LAW, Robin. *Trade and politics behind the Slave Coast*, cit., p. 342.

(39) ADERIBIGBE, A. B. Early History of Lagos to about 1850. In: ADERIBIGBE, A. B. (org). *Lagos: The Development of an African City*. Longman Nigeria, 1975, p. 11.

(40) NEWBURY, C. W. *The Western Slave Coast and its rulers*. Oxford: Clarendon Press, 1961, p. 47; nota 1; SORENSEN-GILMOUR, Caroline. *Slave trading on the Lagoons of South West Nigeria: The Case of Badagry; Identifying enslaved Africans: The 'Nigerian' Hinterland and the African Diaspora*, trabalhos apresentados ao seminário de verão organizado na Universidade de York, julho de 1997, p. 262.

(41) SORENSEN-GILMOUR, Caroline. *Slave trading on the Lagoons of South West Nigeria*, p. 262.

(42) VERGER, Pierre, ob. cit., p. 195, 211, 264 e 539; e LAW, Robin, art. cit., p. 343.

vocação de caudilho, como Antônio Vaz Coelho, um negro livre que também viera do Brasil, a fim de exercer o tráfico, e que, com seus homens armados de fuzil e suas canoas de guerra dotadas de canhões de eixo – os primeiros que conheceu a Costa<sup>43</sup> –, dominou, na segunda metade do século XVIII, boa parte das lagunas próximas a Porto Novo.

Diz-se de Francisco Félix de Souza que passou três anos em Badagre. Depois, teria regressado, via Lagos, ao Brasil<sup>44</sup>. Na Bahia, viveu durante algum tempo – pouco – e talvez – quem sabe? – escondido. Pois, aí por 1800, de novo desembarcava na África. Instalou-se no Popó Pequeno (Anecho, Anechô ou Aneho), onde o rei de Gliji (ou Glidji) lhe concedeu terras para uma feitoria, a que chamou Ajudo ou Ajuda – por contração de “Deus me ajuda”<sup>45</sup>, ou em homenagem aos seus dias de Uidá ou Ajudá.

Em Anecho, o brasileiro seguiu o exemplo de Antônio Vaz Coelho, que tecera o seu poder mediante matrimônios com mulheres das grandes famílias do novo reino de Aladá (ou Ardra). Francisco Félix casou-se com Jijibu (ou Djidgiabu), filha de Comalangã, o chefe de um vilarejo vizinho, Adjigo, e dela teve um filho, que considerava o seu caçula, Isidoro, em 2 de fevereiro de 1808<sup>46</sup>. Já se disse que Jijibu – fluente em português, porque educada, desde os oito anos de idade, como outros meninos e meninas da nobreza africana daquele tempo, em Salvador – seria a segunda mulher de Francisco Félix, pois este teria desposado antes uma tia dela, de quem era viúvo<sup>47</sup>.

Talvez não tenha havido a primeira estada na Costa e o nosso personagem só tenha saído da Bahia para a África por volta de 1800<sup>48</sup>. e diretamente para Badagre, de onde, após alguns desacertos comerciais, se mudou para Ajudá e obteve o emprego no forte português<sup>49</sup>. Parece provável que ainda não se encontrava a serviço da Fortaleza de S. João Batista de Ajudá em 1797, ano em que lá esteve, em embaixada ao rei do Daomé, o padre baiano Vicente Ferreira Pires,

---

(43) DALZEL, Archibald. *The history of Dahomey*. Londres: Frank Cass, 1967 (fac-símile da 1ª ed., de 1793), p. 169.

(44) MARTY, Paul. *Etude sur l'Islam au Dahomey*. Paris: Ernest Leroux, 1926, p. 122; HAZOUMÉ, Paul. *Le Pacte de Sang au Dahomey*. Paris: Institut d'Ethnologie, 1937, p. 28, nota 1; CORNEVIN, Robert. *Histoire du Togo*. Paris: Berger-Levrault, 1962, p. 123; e CORNEVIN, Robert. *Histoire du Dahomey*. Paris: Berger-Levrault, 1962, p. 268.

(45) MARTY, Paul, loc. cit.

(46) MARTY, Paul, ob. cit., p. 18.

(47) ALMEIDA PRADO, J. F. de, ob. cit., p. 205-6.

(48) Em 1810, escreveu Bazile Féris, loc. cit.

(49) SARMENTO, Augusto, ob. cit., p. 59; e VERGER, Pierre, ob. cit., p. 245.

pois a este, como já se argumentou<sup>50</sup>, não escaparia a presença de um conterrâneo, ainda que funcionário menor, no estabelecimento português. É bem verdade que baiano era o que não faltava em Ajudá e em outros pontos da Costa dos Escravos. Mas quando Ferreira Pires, que deixou por escrito um interessantíssimo relato de sua embaixada<sup>51</sup>, andou por Ajudá, Francisco Félix talvez ainda se achasse a imaginar o seu futuro, na Salvador a que regressara ou de onde sairia pela primeira vez para os litorais africanos.

Acredito – quer tenha havido ou não o interregno brasileiro na longa estada africana de Francisco Félix de Souza – que o matrimônio com Jijibu se tenha dado por volta de 1806. E imagino um enredo que começaria assim: chegado à África, pela primeira ou segunda vez, na passagem do século, o baiano instalou-se em Badagre, com o fito de dedicar-se ao comércio de escravos. A empresa não lhe foi bem, e ele viu-se obrigado a aceitar uma colocação modesta no Forte de S. João Batista de Ajudá. Algum tempo depois, quem talvez fosse um irmão seu, Jacinto José de Sousa, assumiria a governança da fortaleza, para falecer pouco depois.

A área era particularmente insalubre e a maioria dos recém-chegados morria em poucos meses. Segundo os assentamentos de 1695 a 1722 da Royal African Company, de cada dez homens que desembarcavam na África Ocidental, seis morriam durante o primeiro ano, e dois, entre o segundo e o sétimo<sup>52</sup>. É isto o que também nos dizem as inscrições nos túmulos do Forte de São Batista de Ajudá, do campo-santo dos administradores alemães em Duala e de outros cemitérios europeus que visitei na África. Francisco Félix era mais resistente ou teve mais sorte do que o seu suposto irmão. Talvez já viesse do Brasil imunizado contra a febre amarela. Mas não o venceram tampouco as disenterias e a malária (a *Plasmodium falciparum*, freqüentemente fatal), nem o atacaram a doença do sono, o verme-da-Guiné, a cegueira dos rios ou a xistossomose.

Sobre o período que se seguiu à morte de Jacinto José de Sousa não se encontraram vozes nos arquivos. Deve ter sido de descaso e desprezo pelo estabelecimento por parte das autoridades portuguesas. O abandono só não foi completo, porque cuidaram do forte Francisco Félix de Souza e o tambor da antiga

---

(50) OLINTO, Antônio. *Brasileiros na África*. 2ª ed. Rio de Janeiro: GRD, 1980, p. 216.

(51) Publicado por LESSA, Clado Ribeiro de. *Viagem de África em o Reino de Dahomé, escrita pelo Padre Vivente Ferreira Pires no ano de 1800 e até o presente inédita*, São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasília), 1957.

(52) DAVIES, K. G. The Living and the Dead: White Mortality in West Africa, 1684-1732. In: ENGERMAN, Stanley e GENOVESE, Eugene (org.). *Race and slavery in the western hemisphere: quantitative studies*. Princeton: Princeton University Press, 1975, p. 83-98.

guarnição<sup>53</sup>, da qual, além deste, só teriam restado os praças negros, recrutados localmente. Chefe da feitoria e sem ter de prestar contas à Coroa, que a tinha quase esquecido, Francisco Félix passou a usar o forte como se fosse dele. Já conhecia, contudo, por experiência, as limitações que o rei do Daomé impunha à expansão da presença de um mercador independente. Instalou, por isso, um outro armazém no Popó Pequeno, onde também pôs casa.

É pequena a distância entre Anecho e Ajudá: quase não dei por ela, todas as vezes que a percorri de automóvel. Francisco Félix podia cobri-la facilmente em menos de um dia, de canoa, pela laguna litorânea, ou de rede. E isto sem pressa, como sabemos por um agente da Companhia holandesa das Índias Ocidentais, P. Eytzen, que, em 1717, saiu de madrugada de Ajudá, para estar seis horas depois em Popó Grande; dali, após um demorado repouso, retomou o trajeto às sete da noite, chegando a Anecho às cinco da madrugada, sem alterar a vagareza da marcha, recomendada pela escuridão<sup>54</sup>. Sempre de rede.

Com os punhos presos a uma vara longa e forte, cujas pontas se apoiavam nos ombros de dois homens – enquanto outros dois lhes acompanhavam o passo, para revezá-los, se cansados –, a rede sul-americana fora adotada na África como meio de transporte, exclusivo da nobreza e dos brancos de condição. Só brasileiros e alguns africanos retornados do Brasil nela se deitavam para dormir. Pelos da terra, a rede era usada apenas em viagens e passeios. Como no Brasil, nela se podiam vencer grandes estirões, cômoda e indolentemente, e quase sem sentir calor.

A vocação de Francisco Félix de Souza não era a de escrevente ou guarda-livros. Permaneceu fiel ao Forte de S. João Batista de Ajudá, porque comandá-lo, ainda que informalmente, lhe conferia proteção e prestígio. Já que estava na África, cabia-lhe procurar enriquecer, no que constava ser o mais lucrativo dos negócios da época. Tinha por meta seguramente a de repetir o destino de tantos outros que, desde o início do tráfico de escravos africanos, se transferiram dos portos de compra para os de venda e fizeram fortuna como intermediários e armazenadores.

**ABSTRACT:** About Francisco Félix de Souza's life before his moving to Whydah we know almost nothing. We know that he was a mestizo born in Salvador, Bahia, and that he had

---

(53) CORRÊA DA SILVA, Carlos Eugênio, ob. cit., p. 78; e SARMENTO, Augusto, ob. cit., p. 59.

(54) GAYIBOR, N. L. Toponymie et Toponymes Anciens de la Côte des Esclaves. In: *Toponymie historique et glossonymes actuels de l'ancienne Côte des Esclaves (XIV<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> s.)*. Lomé: Presses Universitaires du Bénin, 1990, p. 31.

had a good schooling, but we ignore why, how and when the went to Africa. He was already living in the Slave Coast at the beginning of the Nineteenth Century, first in Whydah and, then, in Badagry, trying to follow the example of some ex-slaves returned from Brazil and of the Dutchman Hertogh, who succeed in becoming influential dignitaries in the African societies which adopted them. From Badagry he returned to Whydah, where he took the responsibility for the factory or fort of São João Batista de Ajudá, almost abandoned by the Portuguese Government. As a self-appointed head of the Fort, he transformed it, together with the factory he had in Anecho, into a great center for the exportation of slaves.

**Keywords:** Ajudá (Nigeria); Returned Brazilian-Ajudá (Nigeria); Cemeteries of Brazilians (Nigeria); Fort of São João Batista of Ajudá.